



Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após a cerimônia de posse

Parlatório do Palácio do Planalto, 01 de janeiro de 2003

Meus companheiros e minhas companheiras,
Excelentíssimos senhores chefes de Estado presentes nesta solenidade,
Trabalhadores e trabalhadoras do meu Brasil,
Meu querido companheiro José Alencar, meu vice-presidente da República,

Minha companheira querida, Dona Mariza, esposa do José Alencar,
Minha querida esposa Marisa que, juntos, já partilhamos muitas derrotas e, por isso, hoje, estamos realizando um sonho que não é só meu, mas um sonho do povo deste país, que queria mudança.

Eu tenho plena consciência das responsabilidades que estou, junto com os meus companheiros, assumindo neste momento histórico da nossa vida republicana.

Mas, ao mesmo tempo, tenho a certeza e a convicção de que nenhum momento difícil, nessa trajetória de quatro anos, irá impedir que eu faça as reformas que o povo brasileiro precisa que sejam feitas.

Em nenhum momento vacilarei em cumprir cada palavra que José Alencar e eu assumimos durante a campanha. Durante a campanha não fizemos nenhuma promessa absurda. O que nós dizíamos – e eu vou repetir agora – é que iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a sua auto-estima e gastar cada centavo que tivermos que gastar, na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças que necessitam do Estado brasileiro.

Nós temos uma história construída junto com vocês. A nossa vitória não



foi o resultado apenas de uma campanha que começou em junho deste ano e terminou no dia 27 de outubro. Antes de mim, companheiros e companheiras lutaram. Antes do PT, companheiros e companheiras morreram neste país, lutando para conquistar a democracia e a liberdade.

Eu apenas tive a graça de Deus de, num momento histórico, ser o porta-voz dos anseios de milhões de brasileiros e brasileiras.

Eu estou convencido de que hoje não existe, no Brasil, nenhum brasileiro ou brasileira mais conhecedor da realidade e das dificuldades que vamos enfrentar. Mas, ao mesmo tempo, estou convencido e quero afirmar a vocês: não existe, na face da Terra, nenhum homem mais otimista do que eu estou, hoje, e posso afirmar que vamos ajudar este país.

Eu não sou o resultado de uma eleição. Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram.

O meu papel, neste instante, com muita humildade, mas também com muita serenidade, é de dizer a vocês que eu vou fazer o que acredito que o Brasil precisa que seja feito nesses quatro anos. Cuidar da educação, da saúde, fazer a reforma agrária, cuidar da Previdência Social e acabar com a fome neste país são compromissos menos programáticos e mais compromissos morais e éticos, que eu quero assumir, aqui, nesta tribuna, na frente do povo, que é o único responsável pela minha vitória e pelo fato de eu estar aqui, hoje, tomando posse.

Como eu tenho uma agenda a ser cumprida, eu queria dizer a todos vocês: amanhã vai ser o meu primeiro dia de Governo e eu prometo a cada homem, a cada mulher, a cada criança e a cada jovem brasileiro que o meu Governo, o Presidente, o vice e os ministros trabalharão, se necessário, 24 horas por dia para que a gente cumpra aquilo que prometeu a vocês que iria cumprir.

Eu quero terminar agradecendo a esta companheira. Eu quero fazer



uma homenagem porque hoje nós estamos aqui, Marisa muito bonita, toda elegante, ao lado do marido dela, com essa faixa com que nós sonhamos tanto tempo. Entretanto, para chegar aqui, nós perdemos quatro eleições: uma para governador e três para Presidente da República. E vocês sabem que a cultura política do Brasil é só homenagem aos vencedores. Quando a gente perde, ninguém dá um telefonema para a gente, para dizer: companheiro, a luta continua. Às vezes, ela e eu decidíamos que a luta ia continuar, porque não havia outra coisa a fazer a não ser continuar a luta para chegar onde nós chegamos.

Eu quero dizer a todos vocês que vieram de Roraima, do Acre, do Amapá, do Amazonas, de Rondônia, do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Alagoas, de Pernambuco, de Sergipe, companheiros de Brasília, mas também companheiros da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina; quero dizer inclusive ao povo do Rio Grande do Sul, aos meus irmãos de Caetés, minha grande cidade natal, que se chamava Garanhuns, aos companheiros de Goiás: podem ter a certeza mais absoluta que um ser humano pode ter, quando eu não puder fazer uma coisa, eu não terei nenhuma dúvida de ser honesto com o povo e dizer que não sei fazer, que não posso fazer e que não há condições. Mas eu quero que vocês carreguem também a certeza de que eu, em nenhum momento da minha vida, faltarei com a verdade com vocês, que confiaram na minha pessoa para dirigir este país por quatro anos. Tratarei vocês com o mesmo respeito com que trato os meus filhos e os meus netos, que são as pessoas de quem a gente mais gosta.

E quero propor isso a vocês: amanhã, estaremos começando a primeira campanha contra a fome neste país. É o primeiro dia de combate à fome. E tenho fé em Deus que a gente vai garantir que todo brasileiro e brasileira possa, todo santo dia, tomar café, almoçar e jantar, porque isso não está



escrito no meu programa. Isso está escrito na Constituição brasileira, está escrito na Bíblia e está escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos. E isso nós vamos fazer juntos.

Por isso, meus companheiros e companheiras, um abraço especial aos companheiros e companheiras portadores de deficiência física que estão sentados na frente deste parlatório. Meus agradecimentos à imprensa, que tanto perturbou a minha tranquilidade nessa campanha e nesses dois meses, mas sem a qual a gente não iria consolidar a democracia no país. Meu abraço aos deputados, aos senadores. Meu abraço aos convidados estrangeiros. Digo a vocês que, com muita humildade, eu não vacilarei em pedir a cada um de vocês: me ajude a governar, porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa, do povo brasileiro, que me colocou aqui.

Muito obrigado, meus companheiros, e até amanhã.

/mcpro/rsm/lrj



**Pronunciamento do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
sessão solene de posse no Congresso Nacional**

Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003

Excelentíssimos senhores chefes de Estado e de Governo; visitantes e chefes das missões especiais estrangeiras; excelentíssimo senhor presidente do Congresso Nacional, Senador Ramez Tebet;

Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, José Alencar; excelentíssimo senhor presidente da Câmara dos Deputados, deputado Efraim Morais; excelentíssimo senhor presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Marco Aurélio Mendes de Faria Mello; senhoras e senhores ministros e ministras de Estado; senhoras e senhores parlamentares, senhoras e senhores presentes a este ato de posse.

"Mudança": esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança, finalmente, venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades, diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar. E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas



gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu país o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela Nação com a qual a gente sempre sonhou: uma Nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia, mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento, de fato, estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma Nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praijeiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar



é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo, em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade; provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão.

Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de Fome Zero. Como disse em meu



primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do país. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, soja, farinha, frutos, o nosso feijão com arroz.

Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária. Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio; são, na verdade, complementares tanto na dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos.

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas, com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso



sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

Hoje, tantas áreas do país estão devidamente ocupadas, as plantações espalham-se a perder de vista, há locais em que alcançamos produtividade maior do que a da Austrália e a dos Estados Unidos. Temos que cuidar bem, muito bem, deste imenso patrimônio produtivo brasileiro. Por outro lado, é absolutamente necessário que o país volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda.

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho. Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado, para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais.

Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar, e muito, o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infra-estrutura voltada para o escoamento da produção.

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da Nação, de modo a que o Brasil



supere a estagnação atual e volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social. O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, a reforma tributária, a reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional. Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil.

Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que encontre canais de expressão em nosso Governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo,



pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo, com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu Governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do país. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões de brasileiros e brasileiras.

Sob a minha liderança, o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Eu, que tive a honra de ser parlamentar desta Casa, espero contar com a contribuição do Congresso Nacional no debate criterioso e na viabilização das reformas estruturais que o país demanda de todos nós.

Em meu Governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil precisa fazer, em todos os domínios, um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo. O Brasil pode e deve ter um projeto de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo nacional e universalista. Significa, simplesmente, adquirir confiança em



nós mesmos, na capacidade de fixar objetivos de curto, médio e longo prazos e de buscar realizá-los. O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.

Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

O Brasil é grande. Apesar de todas as crueldades e discriminações, especialmente contra as comunidades indígenas e negras, e de todas as desigualdades e dores que não devemos esquecer jamais, o povo brasileiro realizou uma obra de resistência e construção nacional admirável. Construiu, ao longo dos séculos, uma Nação plural, diversificada, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja. Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da região Centro-Oeste. Esta é uma Nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira. Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram, dando uma contribuição original ao mundo. Onde judeus e árabes conversam sem medo. Onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que, em pouco tempo, pela nossa própria capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro.

Esta Nação, que se criou sob o céu tropical, tem que dizer a que veio: internamente, fazendo justiça à luta pela sobrevivência em que seus filhos se acham engajados; externamente, afirmando a sua presença soberana e criativa no mundo.



Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas. No meu Governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e da busca de investimentos produtivos, o relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos.

As negociações comerciais são hoje de importância vital. Em relação à Alca, nos entendimentos entre o Mercosul e a União Européia, na Organização Mundial do Comércio, o Brasil combaterá o protecionismo, lutará pela eliminação e tratará de obter regras mais justas e adequadas à nossa condição de país em desenvolvimento. Buscaremos eliminar os escandalosos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam os nossos produtores, privando-os de suas vantagens comparativas. Com igual empenho, esforçar-nos-emos para remover os injustificáveis obstáculos às exportações de produtos industriais. Essencial em todos esses foros é preservar os espaços de flexibilidade para nossas políticas de desenvolvimento nos campos social e regional, de meio ambiente, agrícola, industrial e tecnológico. Não perderemos de vista que o ser humano é o destinatário último do resultado das negociações. De pouco valerá participarmos de esforço tão amplo e em tantas frentes se daí não decorrerem benefícios diretos para o nosso povo. Estaremos atentos também para que essas negociações, que hoje em dia vão muito além de meras reduções tarifárias e englobam um amplo espectro normativo, não criem restrições inaceitáveis ao direito soberano do povo brasileiro de decidir sobre seu modelo de desenvolvimento.

A grande prioridade da política externa durante o meu Governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial



uma ação decidida de revitalização do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração.

O Mercosul, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados.

Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos. Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem, hoje, situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país. O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina.

Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Européia e os seus Estados-membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão. Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outras.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Visamos não só a explorar os benefícios potenciais de um maior intercâmbio econômico e de uma presença maior do Brasil no mercado



internacional, mas também a estimular os incipientes elementos de multipolaridade da vida internacional contemporânea.

A democratização das relações internacionais sem hegemonias de qualquer espécie é tão importante para o futuro da Humanidade quanto a consolidação e o desenvolvimento da democracia no interior de cada estado.

Vamos valorizar as organizações multilaterais, em especial as Nações Unidas, a quem cabe a primazia na preservação da paz e da segurança internacionais.

As resoluções do Conselho de Segurança devem ser fielmente cumpridas. Crises internacionais como a do Oriente Médio devem ser resolvidas por meios pacíficos e pela negociação. Defenderemos um Conselho de Segurança reformado, representativo da realidade contemporânea com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre os seus membros permanentes.

Enfrentaremos os desafios da hora atual, como o terrorismo e o crime organizado, valendo-nos da cooperação internacional e com base nos princípios do multilateralismo e do Direito Internacional.

Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico, do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação, da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiente.

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado.



É verdade que a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas, decorrente de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional. Crimes hediondos, massacres e linchamentos crisparam o país e fizeram do cotidiano, sobretudo nas grandes cidades, uma experiência próxima da guerra de todos contra todos.

Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o governo federal em parceria com os estados, a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente. Uma política que, combinada com ações de saúde, educação, entre outras, seja capaz de prevenir a violência, reprimir a criminalidade e restabelecer a segurança dos cidadãos e cidadãs. Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com as diferenças.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa história, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera. O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso país, amar a nossa Bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo,



que agora assume o posto de Supremo Mandatário da Nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como Nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como Nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como Nação ativa, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como Nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo.

O que nós estamos vivendo hoje, neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu país.

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país no dia-a-dia dos próximos quatro anos.

Viva o povo brasileiro!



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à
Vila Irmã Dulce**

Teresina – PI, 10 de janeiro de 2003

Meus companheiros e minhas queridas companheiras do estado do Piauí,

Desde 1980, portanto, há 23 anos, eu venho a este estado. Eu vim aqui para começar a fundar o PT, eu vim aqui para começar a fundar a CUT, eu vim aqui fazer campanha com o Antônio José, com Nazareno, com Ribamar, para o Wellington, para Trindade e para tanta gente boa deste estado.

E eu tinha um compromisso que assumi durante a campanha eleitoral: que eu gostaria de, ganhando as eleições, levar todo o Ministério para conhecer um outro lado do Brasil, para conhecer uma parte da pobreza do Brasil. É lógico que pobre é pobre em qualquer lugar, mas a verdade é que há pobreza maior do que outra pobreza, há situações em que a pobreza se torna insuportável. Há situações em que a pobreza deixa de ser pobreza para ser miséria. E quando é miséria, ela fere o maior sentimento da vida humana, que é a dignidade, em cada um dos países onde as pessoas estão empobrecidas.

Eu queria apresentar para vocês alguns companheiros que, nesses próximos quatro anos, vão trabalhar junto com vocês, vão ter que fazer coisas, assinar projetos, vão ter que tomar medidas, nas mais diferentes áreas. E essas coisas se refletirão, direta ou indiretamente, em cada um de vocês. Acho que é importante apresentar.

Eu queria começar apresentando o companheiro Palocci, ex-prefeito de Ribeirão Preto, o nosso ministro da Fazenda.

Eu queria apresentar o companheiro Humberto Costa, pernambucano, que vai ser ministro da Saúde, vai ser não, já é, porque nós já ganhamos as



eleições e já tomamos posse.

Eu queria apresentar o companheiro Waldir Pires, que é o corregedor da União. É o companheiro que vai ter um trabalho imenso para tentar apurar a corrupção neste país.

O companheiro Celso Amorim é o nosso ministro das Relações Exteriores, que vai bem representar o Brasil lá fora.

O companheiro José Dirceu é o companheiro ministro da Casa Civil,

O companheiro Jaques Wagner é o companheiro baiano, ministro do Trabalho.

O companheiro Miguel Rossetto vai ser o companheiro ministro do Desenvolvimento Agrário. O Miguel é gaúcho.

A companheira Marina, que é nossa senadora do Acre, é a ministra do Meio Ambiente.

O companheiro – vocês não vão entender o nome dele, ele tem nome alemão – José Fritsch é o nosso secretário especial da Pesca.

Este aqui a gente não sabe se é baiano, se é carioca ou se é paulista. O que eu sei é que ele é brasileiro e é ministro da Cultura do meu Governo, Gilberto Gil.

A companheira Benedita da Silva vai ocupar o Ministério, já ocupa um Ministério muito importante, que é o de articular todas as políticas sociais do nosso Governo. E a Benedita é uma das mais legítimas representações da nossa querida mulher brasileira.

Companheiros, eu vi aqui que, numa das reivindicações, o pessoal está pedindo uma praça de esportes. E o companheiro Agnelo é um companheiro do PC do B, ministro de Esporte do nosso Governo. Portanto, Wellington, pega no pé dele.

A companheira Emília Fernandes, gaúcha, vai ser responsável, no Governo, pela Secretaria Especial dos Direitos da Mulher.

Olhem, o companheiro Walfrido Mares Guia é um empresário de Minas



Gerais. Todo mundo fala, no Brasil, que o turismo vai gerar muitos empregos. Pois bem, nós criamos o Ministério do Turismo para ver se a gente consegue melhorar a geração de empregos no país. E quem é o ministro é o companheiro Walfrido Mares Guia.

O companheiro Ciro Gomes, companheiro filiado e candidato do PPS à Presidência da República, teve uma das posturas mais dignas que um político deve ter, não só porque tomou a decisão de me apoiar, assim que terminou a eleição, mas quando o convidei para ser ministro da Integração Nacional ele não vacilou. E hoje é ministro do nosso Governo e eu não tenho dúvida de que será um grande ministro.

Olhem, no Brasil há Ministério que era só para homem e, de vez em quando, sobrava a vaga de um Ministério para uma mulher. Eu conheci essa gaúcha como secretária de Energia do governo Olívio Dutra e não pensei duas vezes em transformá-la na ministra de Minas e Energia: a companheira Dilma Rousseff.

Um dos parlamentares mais brilhantes deste país, filiado ao PDT, o companheiro Miro Teixeira, que é o ministro das Comunicações.

Nós criamos um Ministério novo, que é o Ministério que vai cuidar das cidades brasileiras. E eu convidei para ser ministro nada mais, nada menos, do que o companheiro que foi o prefeito de Porto Alegre, governador do estado do Rio Grande do Sul, fundador do PT, o companheiro Olívio Dutra.

Vocês sabem que, antigamente, a gente tinha ministro do Exército, ministro da Marinha e ministro da Aeronáutica. Hoje, nós não temos mais, nós temos um comandante do Exército, um comandante da Marinha e um comandante da Aeronáutica, e nós temos o ministro da Defesa, que é um companheiro que estava exercendo o papel de embaixador do Brasil em Moscou. E nós fomos buscá-lo para ser ministro da Defesa: o companheiro José Viegas.

Vocês sabem que o Brasil precisa ser planejado. Se o Brasil não for



planejado, as coisas vão ser feitas a toque de caixa. E eu convidei, para ministro do Planejamento, o companheiro que trabalhou comigo mais de dez anos, economista da Fundação Getúlio Vargas, o companheiro Guido Mantega.

Olhem, nós criamos um Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e de Combate à Fome. Eu passei em algumas casas, agora, antes de chegar aqui e pude testemunhar uma coisa que eu já tinha vivido em 1951, quando morava em Garanhuns. Vejam, eu criei um Ministério especial para combater a fome neste país. E o ministro extraordinário é um companheiro que trabalha comigo há 22 anos, companheiro José Graziano.

Bom, vocês sabem que o Ministério da Justiça tem uma Secretaria que agora é ligada à Presidência da República, para cuidar dos Direitos Humanos. E eu estava dizendo para o companheiro Nilmário, que foi nosso candidato a governador em Minas Gerais, deputado federal dos mais brilhantes, que um dos compromissos nossos é fazer com que a fome e a miséria sejam colocadas como uma questão de direitos humanos. Não tem nada mais sagrado do que a gente tomar café de manhã, almoçar e jantar todo dia, e ir dormir sem fome. Se a gente não fizer isso, o Nilmário Miranda, como secretário de Estado dos Direitos Humanos, tem o direito de denunciar aos quatro cantos do mundo, porque a pessoa pode não ter uma televisão, é normal. A pessoa pode não ter um carro, é normal. A pessoa pode não poder comprar um *rayban*, é normal. A pessoa pode não poder comprar um boné, é normal. Agora, não é normal, não está na Bíblia, não está em lugar nenhum, que uma pessoa possa ficar sem comer três ou quatro dias, como neste país.

Portanto, o Nilmário vai ser o secretário especial de Direitos Humanos. E nós vamos mostrar ao mundo que direitos humanos não é apenas cuidar da violência, não, é cuidar da questão da escola, da educação, da saúde e da violência contra a mulher.

Aliás, em todas as casas que eu visitei ali, naquela rua, nas quatro casas em que eu entrei, vi quatro mulheres, todas com mais de dois filhos e todas



sem marido. Precisamos melhorar os compromissos morais e éticos de alguns homens neste país, para na hora de fazer um filho saber cuidar desse filho que ele ajudou a colocar no mundo.

Olhem, vocês sabem que um dos problemas do Brasil é aumentar a sua produção industrial e exportar mais. E, ao mesmo tempo, produzir também para o mercado interno. E eu chamei, para ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, um grande empresário de Santa Catarina, um empresário com muita experiência em exportação, o companheiro Luiz Furlan. E, junto com ele, eu chamei uma outra pessoa para a agricultura, que é um companheiro dos mais respeitados no mundo da agricultura neste país, companheiro ligado às cooperativas. Ele e Furlan vão ser os responsáveis por aumentar a nossa capacidade de exportação, mas, ao mesmo tempo, a nossa capacidade de melhorar a produção interna, porque nós precisamos gerar, não apenas divisas, mas gerar poder de consumo para o nosso povo. E esse companheiro é o Roberto Rodrigues, que certamente vai contribuir para a gente gerar parte dos empregos de que o Brasil precisa.

Olhem o Dulci. O Luiz Dulci é fundador do PT, é companheiro sindicalista dos professores de Minas Gerais. Eu conheci o Dulci em 1979. E vocês sabem que a Presidência da República tem um Ministério que é a Secretaria-Geral da Presidência da República, que é exercida pelo companheiro Luiz Soares Dulci.

Bem, o General Félix, vocês sabem que nós temos um Gabinete Institucional, um Gabinete que cuida de informações precisas do Governo, que cuida da segurança do Presidente. Porque, de vez em quando, a gente fala assim: “Ah, ninguém precisa de segurança, porque Deus protege”. Vejam o que aconteceu com o Celso Daniel, nosso prefeito de Santo André, e com o Toninho, nosso prefeito de Campinas. Então, nós precisamos ter muitas informações, precisamos conhecer o que está acontecendo no Brasil e no mundo. E, por isso, nós escolhemos, para ministro do Gabinete Institucional, o



General Félix, que está dando uma contribuição enorme.

Mas eu não sei se vocês perceberam a novidade. Eu estava falando de tudo, esperando que alguém aí do meio gritasse: “E a educação?”. Esse companheiro aqui, eu não tenho dúvida nenhuma de que, em quatro anos, vai fazer pela educação deste país o que os outros governos não fizeram, em 15 ou 20 anos. O companheiro Cristovam Buarque, ex-governador de Brasília, eleito senador da República, mas que deixou seu mandato para o suplente, a meu pedido, para assumir o Ministério da Educação. Olhem, o Cristovam vai ser ministro para fazer o Bolsa-Escola, mas não é essa vergonhosa de apenas 15 reais, é preciso aumentar um pouco. Nós vamos melhorar isso. Vejam, eu não vou, aqui, fazer nenhuma promessa porque a campanha acabou e eu agora sou Presidente da República. Eu não tenho que prometer, eu tenho que fazer.

Olhem, eu queria chamar a atenção dos ministros e chamar a atenção do governador Wellington, porque o que este povo pede, minha gente, não é nada diante do que este povo merece. Companheiro governador e companheiros ministros e ministras, eu estava olhando a pauta de reivindicações. Eu vou ler para vocês o que está sendo pedido, o Levi me entregou em nome dos moradores da Vila Irmã Dulce. E eu já havia visitado uma outra organização chamada Dulce, que é um hospital, lá na Bahia, e vi o tratamento excepcional que é feito lá. Eu quero dizer para vocês que as reivindicações de vocês são muito humildes, muito simples, e eu diria uma coisa: qualquer governo que tiver um mínimo de juízo vai atender essas reivindicações de vocês.

Vejam, eu queria que vocês prestassem atenção para o que esse povo reivindica: um tratamento prioritário para a política urbana e de inclusão social; garantir no Orçamento da União recursos para a criação do Fundo Nacional de Moradia Popular, que proporcione a universalização da garantia de moradia digna.



Bom, aqui está o ministro das Cidades, aqui está o ministro do Planejamento, aqui está o ministro do Desenvolvimento, aqui há muitos ministros ligados à área. E ver que uma pessoa que mora numa casinha daquela de chão batido, que o banheiro é um buraco lá no fundo, e que as crianças têm que brincar em lugares imundos – e dizer que isso aqui é considerado casa pelo Governo é simplesmente um absurdo.

A pauta continua:

Elaborar uma política de regularização fundiária que possa garantir definitivamente a propriedade das áreas ocupadas por famílias de baixa renda. Inclusão da Vila Irmã Dulce e demais ocupações do Piauí nos programas de melhoria habitacional. Construir uma rede de abastecimento de água para atender a Vila Irmã Dulce e adjacências. Construir fossas sépticas para famílias que moram aqui na Vila Irmã Dulce. Implementar programas de geração de emprego e renda e centros de produção, voltados para área de ocupação, inclusive à Vila Irmã Dulce. Políticas sociais que promovam as condições de segurança pública, voltadas para a realidade das vilas e favelas. Promover políticas de saneamento básico e ambiental. Garantir as condições de acesso seguro à região, com a conclusão do anel viário na BR-316, perímetro urbano. Construir equipamentos esportivos e promover atividades culturais que garantam a participação da juventude.

Atendimento integrado às crianças, idosos e portadores de necessidades especiais, avançando na construção de parcerias, a exemplo do que já existe em relação à Pastoral da Criança. Construir escolas voltadas para todos os níveis de ensino, com cursos profissionalizantes.

E aí termina, dizendo: “Entendemos que o desafio é de todos nós, porém, reiteramos nossa confiança no atendimento de nossas reivindicações.”

Olhem, vocês têm consciência de que não é só isso. É preciso que a gente tenha aqui um bom tratamento de saúde, é preciso que as pessoas tenham condições de comprar os remédios necessários. Agora, toda essa



fragilidade na saúde é por conta do baixo teor de calorias e proteínas que as nossas crianças consomem e da péssima qualidade da água que as pessoas bebem. E também pelo fato de não haver nenhum sistema de tratamento de esgoto e nem coleta de esgoto.

Olhem, aqui estou vendo, na minha frente, mulheres e homens. E vocês sabem que a coisa que a gente mais adora no mundo é um filho. Mas, vejam, mesmo quando a gente gera um filho, ele demora nove meses para nascer. Depois demora mais nove, ou dez, ou onze para andar. O Governo também é assim. Eu não posso prometer para vocês que amanhã estará tudo resolvido, mas eu posso prometer para vocês que vou voltar aqui, na Vila Dulce, para provar que nós vamos fazer muita coisa aqui.

Cada ministro vai sair daqui sabendo o que vocês estão reivindicando. Não é promessa, é compromisso. Eu sou de uma terra em que o homem assume o compromisso olhando nos olhos dos outros. Vale mais do que um documento e vale mais do que uma promessa. O caráter não precisa de assinatura.

Eu quero dizer, governador, que daqui a um tempo eu vou voltar nesta Vila. Eu estou assumindo o compromisso olhando na cara de cada mulher, de cada criança, de cada homem que está aqui. E olhando ali aquela senhora com uma santa estendida para mim. Eu vou voltar aqui. E nós vamos fazer uma ação combinada entre o governo federal, o governo estadual, a prefeitura municipal, para que a gente possa voltar aqui e conversar com vocês com orgulho, porque vocês conquistaram a cidadania de vocês.

Olhem, nesta hora, para a gente mudar este país, a gente vai juntar todos os homens e todas as mulheres de bem, para a gente poder fazer a revolução moral e ética de que o nosso país necessita. Quem quiser ajudar, eu não quero saber se é de direita ou de esquerda, branco ou preto, baixo ou alto, católico, evangélico ou ateu. Eu quero saber se as pessoas estão dispostas a ajudar, quem está disposto a ajudar a melhorar a qualidade de vida desse



povo.

Eu vi crianças com quatro anos de idade, com o bracinho mais fino do que meu dedo. Significa que essa criança está passando fome, significa que essa criança não está aprendendo direito na escola, significa que, às vezes, essa criança não está nem enxergando direito, porque lhe falta a vitamina A. E isso nós vamos mudar. Não esperem que eu mude com uma varinha de condão. Mas tenham fé em Deus que nós vamos mudar, e eu já estou com o compromisso de voltar aqui para, nesta praça mesmo, a gente fazer uma reunião para ver o que mudou aqui, na Vila Dulce, depois da nossa passagem.

No mais, companheiro Wellington, companheiro prefeito, eu queria dizer para vocês que a nossa viagem é muito rápida. A gente queria visitar o semi-árido. Eu queria levar todos os ministros para conhecerem a rudeza do sertão brasileiro em tempos de seca.

Entretanto, a gente ia a Guaribas, mas o esquema para ir a Guaribas era muito pesado. Eu tinha que vir de avião até Petrolina. De Petrolina tinha que descer do avião e tinha que ter três outros aviões para irmos para São Raimundo Nonato. De São Raimundo Nonato a Guaribas teríamos que pegar 5 helicópteros que vinham do Rio de Janeiro. Aí eu fiquei pensando, se eu tenho que gastar tanto dinheiro assim em avião para ir a Guaribas, vamos guardar esse dinheiro e gastar para combater a fome neste país, que a gente ganha muito mais.

Wellington, você disse que este é um estado rico, você disse que este é um estado que tem muito ouro, que tem muito diamante, que tem “Opalas, Chevetes, Fuscas”, tem de tudo. Eu quero lhe dizer uma coisa: é verdade que este estado é muito rico, é verdade que tem pedras preciosas, mas a coisa mais preciosa que este estado tem é este povo extraordinário, com a sua consciência política e com a sua disposição de mudar o Brasil.

Fiquem com Deus, um grande abraço. E podem ficar certos de que nós vamos ajudar a mudar o nosso país.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita à cidade de Itinga

Itinga – MG, 11 de janeiro de 2003

Olhem, nós vamos ter que visitar um bairro ainda, para ver uma situação de muita miséria, aqui na região.

Mas eu quero dizer ao governador Aécio Neves, ao prefeito, às mulheres, aos homens e às crianças de Itinga que não vou nem apresentar todos os ministros que estão aqui, porque não temos tempo. O avião de Araçuaí tem que decolar enquanto houver luz do dia ainda, senão não conseguimos levantar vôo.

Eu quero dizer ao povo do Médio Jequitinhonha: vocês sabem que não é a primeira vez que venho a esta região e a esta cidade. Eu estava dizendo ao governador Aécio Neves, no avião, que não sei por quê, mas tenho falado mais no Vale do Jequitinhonha do que em outras regiões do Brasil. Tenho pelo Vale do Jequitinhonha um carinho extraordinário.

Vim aqui, na década de 1980, para fundar o PT. Depois, vim em várias campanhas. Mas o momento mais extraordinário que tive foi quando vim fazer a Caravana da Cidadania, em 1995. Depois de passar quase 15 dias, aqui, depois de visitar 16 cidades, nós apresentamos um projeto de desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha e viemos à cidade de Itinga. Aqui, ouvimos a comunidade, como ouvimos, agora, me entregar suas reivindicações. Fizemos um projeto e entreguei ao governador Eduardo Azeredo, como, agora, entreguei, no ônibus, uma cópia ao governador Aécio Neves.

O governador, que tomou posse há 10 dias, como eu, já fez uma coisa importante, que me deixou muito feliz: ele criou uma Secretaria para atender especialmente ao Vale do Jequitinhonha e o Vale do Mucuri.

Já colocamos o governador Aécio Neves para conversar com o nosso



ministro do Planejamento, para que a gente comece a pensar em como trabalhar para cumprir, em parte ou totalmente, aquilo que está no programa que fizemos para o Vale do Jequitinhonha.

Mas eu me lembro que vim aqui quando o Solano ainda era prefeito do PT, para lançar a pedra fundamental de um hospital em Itinga. Companheiro Humberto Costa, você, que é ministro da Saúde, vai ter que dar uma olhada nisso. E você, que é médico, Palocci. Esse hospital está pronto, não sei se falta equipá-lo. Está equipado o hospital. E precisa de quê, Prefeito?

Prefeito: Precisa de autorização do Ministério da Saúde para funcionar.

Presidente: Eu me lembro que, naquele tempo, havia uma médica cubana que trabalhava aqui, em Itinga. Pois bem, o hospital está pronto, companheiro Humberto. O hospital está equipado. Mas a informação que estou tendo é a de que falta autorização do Ministério da Saúde para que esse hospital possa funcionar.

Está aqui um documento da Fundação São José da Água Branca, que eu quero passar para as mãos do Humberto Costa, que está na delegação, para que possamos tomar as providências para que esse hospital comece a funcionar.

Eu vinha dizendo para o Aécio que, toda vez em que estive aqui, atravessei esse rio de balsa. Não é possível que, nesses oito anos, não tenha acontecido uma famosa ponte aqui, no rio Jequitinhonha.

Eu quero que vocês olhem nos meus olhos, quero que vocês olhem nos olhos do governador, porque eu quero dizer, governador, que nós dois, se Deus quiser, vamos inaugurar essa ponte sobre o rio Jequitinhonha. Eu nunca entendi porque não tem essa ponte. Mas essa ponte não precisa ser sofisticada, não, tem que ser uma ponte que permita ao povo transitar livremente de um lado para o outro. Certamente, se ao longo da história, os



governadores tivessem parentes que morassem em Itinga, a ponte já teria sido feita.

Mas o governador Aécio me disse uma coisa: esta região, que talvez seja uma das regiões mais ricas do nosso país, do ponto de vista cultural, já teve ciclos de desenvolvimento muito sérios. Mas esta região não pode continuar a ser vista pelo mundo e pelo Brasil como o “vale da miséria”. Nós vamos cuidar com muito carinho do Vale do Jequitinhonha. Podem ter certeza de que vai ser exatamente nas regiões mais pobres do Brasil que nós vamos definir as nossas prioridades, porque quem precisa do Governo é o povo pobre e não o povo rico, que muitas vezes se serve do Governo.

Eu quero lembrar a vocês de uma coisa: o Aécio é governador do PSDB, eu sou Presidente, do PT. Agora, tanto eu tenho que tratar o Aécio da forma mais democrática e mais respeitosa, como o Aécio certamente vai me tratar, porque muito mais importante do que as divergências do PT com o PSDB é a necessidade do povo de Minas Gerais e do povo do Vale do Jequitinhonha. Normalmente, quando um Presidente da República ou um governador viaja, ele prepara os decretos ou as medidas provisórias para anunciar. Eu não fiz isso, porque se fizesse, os meus amigos da Imprensa iriam dizer: “Isso é demagogia do Lula”. Mas nós, na primeira reunião ministerial que fiz, Aécio, eu pedi que, em 30 dias, cada companheiro ministro me apresentasse um plano de metas para o primeiro ano de mandato. E quero que você tenha certeza: em vários Ministérios, o Vale do Jequitinhonha estará representado, porque nós, em parceria com o governo estadual e em parceria com as prefeituras das cidades vamos fazer, possivelmente, o maior esforço que já foi feito por um Governo para que o Vale do Jequitinhonha deixe de ser a região mais pobre do Brasil e passe a ter cidadania.

Gente, eu, agora, queria abraçar cada um de vocês, mas vocês percebem que é impossível. Eu ainda vou ter que ir ao bairro Mutirão e voltar para Araçuaí. Eu quero desejar a cada mulher, a cada homem, a cada criança,



toda a sorte do mundo. E quero que vocês saibam: onde eu estiver, o Vale do Jequitinhonha estará na minha cabeça e no meu coração.

Muito obrigado, companheiros.

/lrj/vpm



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita do Presidente da Argentina, Eduardo Duhalde

Palácio do Planalto, 14 de janeiro de 2003

É com grande alegria que o meu Governo recebe o presidente Duhalde e os representantes do Governo da Argentina.

É importante lembrar que, em apenas 40 dias, já nos encontramos três vezes. Eu cumpri o meu compromisso de campanha de que a Argentina seria o primeiro país que eu iria visitar, depois da eleição, para consolidar a convicção, minha e do povo brasileiro, de que o Mercosul é muito importante para o desenvolvimento da região.

Depois, eu tive a grata satisfação de receber o companheiro Duhalde, no dia 1º de janeiro, no Brasil. E, hoje, estou tendo, de forma muito prazerosa, a satisfação de receber o Presidente da Argentina, para confirmar aquilo em que nós acreditamos. Como o Brasil, a Argentina também acredita que o Mercosul precisa ser fortalecido; que o Mercosul precisa ser, na verdade, praticamente reconstruído; que é preciso pensar o Mercosul de forma mais ampla do que apenas do ponto de vista comercial; que o Mercosul tem que levar em conta a riqueza cultural da região; que o Mercosul tem que levar em conta as políticas sociais de cada país e que o Mercosul tem que levar em conta, também, a necessidade de um aprimoramento das nossas relações políticas.

O presidente Duhalde tem a mesma convicção de que nós precisamos recuperar o tempo perdido. E vamos, daqui para a frente, fazer um esforço ainda maior para que o Mercosul volte a ganhar credibilidade junto ao nosso povo; para que volte a ganhar a credibilidade dos empresários; que possa voltar a ganhar a credibilidade dos nossos movimentos sociais e possa ganhar credibilidade nos meios políticos.

Nós acertamos uma série de iniciativas, o que depois será passado a



vocês, num comunicado por escrito. Os nossos ministros irão se reunir, daqui para a frente, de forma mais constante.

E, enquanto o presidente Duhalde for Presidente da Argentina, porque teremos eleições em abril, na Argentina, eu espero que nos encontremos outras vezes, para que possamos aperfeiçoar as nossas relações.

Com vocês, o presidente Duhalde.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III
Fórum Social Mundial**

Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003

Será que seria pedir demais que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos, para que a gente possa ver as pessoas de trás e as de trás possam ver a gente?

Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante, de qualquer organização, que vai para a rua com a sua bandeira. Eu acho uma coisa fantástica e inusitada. Eu só estou pedindo. Faz tempo que eu não vejo vocês, faz tempo que vocês não me vêem, e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro.

Eu quero, em primeiro lugar, dizer para vocês que é uma alegria maior do que a que o meu coração comporta, estar, outra vez, participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza, que é este Fórum Social Mundial.

Da outra vez que participei aqui, fui fazer um debate cujo tema destinado para eu falar era “Um outro Brasil é possível”. E me lembro que, naquele instante, eu não tinha nem certeza de que seria candidato a Presidente da República. E, hoje, ao participar deste Fórum, eu participo na condição de funcionário público número 1 do meu país.

Quero agradecer à Direção deste evento. Eu sei que não é fácil, sei do sacrifício que vocês estão fazendo para ter essa organização, sei do cuidado que vocês têm com a segurança.

Eu, agora mesmo, estou falando aqui, em português, e deve haver companheiro aí, francês, inglês, deve haver gente da China, da Índia, que não está entendendo nada do que estou falando.

Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são



peças que acreditam no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos, que vão entender cada palavra que eu falar.

Quero agradecer, aqui, aos companheiros dirigentes do Fórum, aos ministros, mas, sobretudo, ao povo do mundo inteiro que, sem medir sacrifício, veio aqui, às vezes sem ter o direito de falar, a oportunidade de falar, mas veio aqui só para dizer: “Eu existo como ser humano. E eu quero ser respeitado como tal.”

Eu sempre disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito Presidente da República, era ver se eu conseguiria atender às minhas próprias reivindicações. Eu sou um homem que fez muitas reivindicações no Brasil. Eu exigi muito de cada Governo que passou aqui, antes de mim, como muitos de vocês exigem, nos seus países.

E o meu desejo de ser Presidente da República era o de saber se, eleito Presidente, serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações.

Portanto, não tenho que me preocupar com aquilo que possíveis adversários vierem a falar. Tenho que saber que, ao longo da história, o movimento social brasileiro, o movimento sindical brasileiro, os partidos políticos no Brasil, as Igrejas no Brasil, as ONGs no Brasil, acumularam muita experiência e, junto com essa experiência acumulada, têm propostas, têm reivindicações, têm coisas extraordinárias apresentadas. E eu, agora, tenho quatro anos para, com muita tranquilidade, a gente possa atender, senão todas, aquelas que tivermos capacidade e condições de atender.

Continuo com o meu sonho de fazer a reforma agrária neste país. Continuo com o meu sonho de garantir uma escola pública de boa qualidade para o nosso povo; e que a Universidade não seja um privilégio de apenas 8% da sociedade, mas que seja um direito ao alcance de todos.

Continuo sonhando com a possibilidade de fazer uma política de saúde, em que nenhum pobre morra mais na porta do hospital por falta de atendimento médico ou por falta de assistência.



Continuo sonhando em construir uma sociedade justa, solidária, fraterna, onde o resultado da riqueza produzida no país seja distribuído de forma mais equânime para todos os filhos deste país.

Entretanto, também aprendi, ao longo da minha trajetória política – e aprendi com vocês –, que o técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, mas aquele que termina ganhando o jogo que nos propusemos jogar.

Tenho quatro anos de Governo para, de forma tranqüila e serena, ir fazendo as coisas que têm que ser feitas neste país. Quero fazer o Governo mais honesto que já houve na história deste país, o Governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade.

Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos. Na hora em que puder fazer, faremos. Mas, na hora em que não der para fazer, com a mesma serenidade e com o mesmo carinho, quero dizer: companheiro, não dá para fazer. E tenho certeza de que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso Governo.

E por que vou agir assim? Vou agir assim porque tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram, que está nas costas dos meus ministros e que está, sobretudo, nas minhas costas. Embora tenha sido eleito Presidente do Brasil, tenho a nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e, sobretudo, para a esquerda na América Latina.

Eu me levanto todo dia, pela manhã, e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas. Porque qualquer governo, em qualquer país do mundo, pode errar e não acontecerá nada, porque é muito normal que os governantes errem. Mas eu não posso errar. E não posso errar porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha



inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002.

Eu sei a expectativa que estou gerando nas mulheres, nos homens e nas crianças. Eu nunca vi, na história do Brasil, tanta expectativa, tanta esperança e tanta gente pedindo a Deus para a gente acertar. E tanta gente pedindo, não emprego, mas dizendo para mim: “Lula, como é que eu faço para ajudar o nosso Governo a dar certo?”

É essa força da sociedade, e é exatamente esse capital político que fez com que a gente pudesse terminar a eleição e gritasse bem alto: “A esperança finalmente venceu o medo.”

Eu já estive na Argentina, já estive no Chile, já estive no Equador, e sei da expectativa que a América do Sul tem no Governo brasileiro. Eu sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro têm no sucesso do nosso Governo. É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, e eu volto a afirmar: nós esperamos tanto para ganhar, nós perdemos tanto, sofremos tanto, tanta gente morreu antes de nós, tentando chegar lá, que, por esse acúmulo de compromissos, quero olhar na cara de cada um de vocês e dizer: “Eu não vou errar e vou fazer um Governo voltado para os pobres deste país.”

Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que era preciso transformar o Fórum num instrumento, primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; segundo, que não fosse utilizado por ninguém.

Quando fui convidado a vir aqui, eu ainda disse aos companheiros: “É preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, porque eu serei o primeiro Presidente.” E me disseram: “Lula, você pode ir, porque você é anfitrião do III Fórum Social Mundial.” Mas, hoje, já me comprometi publicamente, porque um companheiro da Índia, onde vai ser a próxima sede do Fórum Social Mundial, perguntou a mim, numa reunião que fiz com a Direção mundial do Fórum, se eu iria, no ano que vem, à Índia. Eu disse a ele:



vou à Índia. Se for necessário, vou à China e, se for necessário, vou aonde me convidarem, porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos. E, portanto, acho que não apenas eu, acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, o que deseja o povo e como o povo quer que as coisas aconteçam.

Qual é a novidade? Qual é a novidade deste ano? É que este ano, por causa de vocês e por causa do Fórum Social Mundial, fui convidado a ir a Davos. Se não fossem vocês, eu não seria convidado. E, aí, lembrei de uma coisa: quando comecei minha vida sindical, os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam para mim: “Lula, não entres no movimento sindical, porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da “Carta di Lavoro”, de Mussolini e, se tu entrares no sindicato, vais virar um pelego e não vais conseguir fazer nada.” Eu entrei no sindicato e, em três anos, nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro, que hoje é um dos mais importantes do mundo.

Em 1979, estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas e eu inventei de criar um partido. Aí, aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra, porque na liberdade política deles não se pressupunha a criação de um partido político. E havia quem dissesse para mim: “Olhe, no Brasil não cabe um partido como o PT. Esse negócio de dizer que Partido de Trabalhadores pode ser criado, que metalúrgico vai dirigir partido, isso é coisa do passado. Não há, na sociologia brasileira ou mundial, exemplo disso.” Pois bem, nós fomos teimosos e criamos um partido, que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina.

Agora, lembro de uma coisa que vou contar para vocês: em 1978, entramos em greve no ABC e o Presidente da Federação das Indústrias correu ao II Exército para dizer ao general Dilermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. Possivelmente, se pertencesse a uma organização política mais tradicional, eu teria arrumado a



mala e teria ido para outro lugar, ficar uma semana, até a poeira baixar. Como eu era mais inocente politicamente, peguei um telefone e liguei para o comandante do II Exército e falei: “General Dilermando, estou vendo nos jornais que o senhor convidou o Presidente da FIESP, para atender à FIESP. Sou Presidente dos trabalhadores. Eu quero ir falar com o senhor.” E ele me recebeu durante três horas.

Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio, falei: o que vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão: sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não consomem as calorias e as proteínas necessárias. Sou Presidente de um país que tem história e que tem um povo. E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século, que um torneiro mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto, tomei a decisão.

Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia, e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão.

Eu acho que nós temos o que fazer no mundo. O que a gente não pode



é ficar preso dentro do nosso mundo, achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

Eu dizia, hoje: isso é mais ou menos como numa família em que, de repente, aparece um filho metido em drogas e, ao invés de o pai e a mãe discutirem com o filho e saberem onde é que está o defeito, começam a culpar a escola, começam a culpar o vizinho, começam a culpar a namorada; ao invés de sentarem e olharem para dentro do pai e da mãe e perguntarem a si mesmos: “O que nós deixamos de fazer, para que o nosso filho não fosse drogado?”.

Nós somos pobres. Uma parte pode ser culpa dos países ricos. Mas outra pode ser culpa de uma parte da elite do continente sul-americano, que governou de forma subserviente, que governou de forma subalterna este país, praticando os casos mais absurdos de corrupção.

Só na América Latina, nos últimos anos, quatro governantes: Collor, no Brasil; Fujimori, no Peru; Menem, na Argentina e Salinas, no México, saíram por terem praticado verdadeira roubalheira em seus países. E isso não pode continuar acontecendo. Não podem os países ricos querer ajudar os países pobres aceitando depósito ou lavagem de dinheiro de quem rouba dos países pobres.

Eu me lembro que, uma vez, havia um presidente do Zaire, chamado Mobuto. E eu me lembro que, na época, a denúncia era que ele tinha 8 bilhões de dólares depositados num país da Europa, e o seu povo estava passando fome.

Se os países ricos querem contribuir, que eles não aceitem dinheiro do narcotráfico, do crime organizado. E que não aceitem dinheiro dos países onde os governantes praticaram verdadeiros roubos; que devolvam esse dinheiro para ajudar o seu povo.

Eu quero terminar dizendo para vocês uma coisa. Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é



o de que podem ter a certeza – como a certeza e a fé que vocês têm em Deus –, para quem é cristão: eu posso cometer algum erro, mas jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país.

Eu quero poder, a cada mês, a cada ano, olhar na cara de cada criança, de cada mulher, de cada homem e dizer: “Nós estamos construindo uma nova Nação. Nós estamos construindo um novo país.”

E teimo em dizer, todo santo dia: eu hei de realizar um sonho, que não é só meu, mas um sonho que é de todos vocês: que haverá um dia, neste país, onde nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida e nenhuma criança acordará sem um café da manhã.

Haverá o dia em que, neste país, as pessoas poderão morrer, porque nascemos para morrer, mas ninguém morrerá de desnutrição, como muitos morrem hoje. Chega um dia em que a gente tem que ter a consciência de que este país que eu sonho e que vocês sonham pode ser construído. Depende da nossa disposição de fazê-lo. Depende da nossa coragem. Depende da nossa disposição.

E estou aqui para dizer a vocês: meus companheiros e minhas companheiras do III Fórum Social Mundial, haja o que houver, aconteça o que acontecer, tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo que me elegeu Presidente da República deste país.

Governar é como uma maratona. Você não pode começar a 80 por hora, porque o seu fôlego pode acabar na primeira esquina. Você tem que dar passos sólidos, concretos, para que possa terminar o Governo com a certeza do dever cumprido. E quero poder dizer ao mundo: como seria bom, como seria maravilhoso se, ao invés de os países ricos produzirem e gastarem dinheiro com tantas armas, gastassem dinheiro com pão, com feijão e com arroz, para matar a fome do povo.

Fico imaginando quantos bilhões e bilhões de dólares se gastam com a



guerra. Soldado matando soldado. Soldado matando inocente e, próximo de nós, crianças levantando os olhos e mendigando um prato de comida, que muitas vezes se joga fora e não se dá para essa criança.

Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, quero que vocês, que são brasileiros, e vocês que não são brasileiros, mas que estão aqui, quero que tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não lhes faltarei. Não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer. E espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo, para que a gente possa, de uma vez por todas, começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, que tenham mais compromisso, que acreditem que é possível a gente mudar a história da Humanidade.

O nosso país, durante 500 anos, ficou olhando para a Europa. Está na hora de olhar para a África e para a América do Sul. Está na hora de se estabelecer novas parcerias, para que a gente possa ser mais independente, fortalecer o Mercosul e estabelecer uma força política para negociar. Não podemos aceitar o que está acontecendo durante 40 anos, o bloqueio a Cuba. Não podemos aceitar que países sejam marginalizados durante séculos e séculos. E não podemos aceitar que o Brasil, do tamanho que é, continue, a cada ano que passa, sendo um país que apresenta maior índice de pobreza e miserabilidade.

Por isso, não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar de vir aqui e dizer a vocês: valeu a pena, gente. E vai valer muito mais a pena, quando a gente estiver no último dia de Governo e puder provar, com dados sobre dados, que fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos, neste país.

Quero me despedir de vocês, quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: pelo amor de Deus, não desistam, porque vocês conseguiram, em três anos, construir uma das



coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu.

Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha antes de existir o Fórum Social Mundial. A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais.

Vocês conseguiram um espaço na história. A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo”, hoje reconhece, em todas as primeiras páginas dos jornais: o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na história contemporânea.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, de forma decisiva, para que a gente mude a história da Humanidade.

Muito obrigado e até à vitória, se Deus quiser, companheiros!

/mcpro/lrj



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão plenária “Diálogo com o Presidente do Brasil” no XXXIII Fórum Econômico Mundial

Davos – Suíça, 26 de janeiro de 2003

Pergunta: (sem tradução)

Presidente: Se as instituições que foram criadas para isso não estão cumprindo com as suas atribuições, eu penso que é preciso rever o papel dessas instituições ou, quem sabe, até, criar outras instituições.

O dado concreto é que nós não podemos ficar assistindo, no mundo contemporâneo, no milênio em que toda a humanidade quer a paz, a países gastando bilhões de dólares em armamentos ou, muitas vezes, gastando dinheiro em coisas que não são prioridade.

E nós olhamos os países do Terceiro Mundo, sobretudo a África, a América Latina, e percebemos que milhões de mulheres e crianças morrem porque não conseguem comer as calorias e as proteínas necessárias.

Se o mundo detém tecnologia, terra, capacidade de produzir alimento para toda essa gente, a pergunta que se faz é: por quê não cumprimos com a nossa missão de seres humanos e damos aos outros a oportunidade de comer, pelo menos, três vezes ao dia?

É um desafio para o Fórum de Davos, é um desafio para os governantes do mundo inteiro, é um desafio colocarmos a sensatez para funcionar, ao invés do individualismo de cada um de nós.

Tradução da pergunta: O senhor mencionou a importância do Fórum de Porto Alegre. E nós concordamos que não há mais avanços porque os fóruns não se comunicam. Como podemos integrar as idéias, as questões e as propostas de



Porto Alegre a Davos?

Presidente: Eu não sei como é que nós iríamos fazer para que os dois fóruns se entendessem. A única coisa de que eu tenho certeza é que se ficarmos no Fórum Social Mundial, reunidos em Porto Alegre e vocês aqui, no Fórum Econômico, reunidos em Davos, sem conversar, chegaremos a um novo milênio fazendo as mesmas coisas e discutindo somente entre aqueles que concordam conosco, seja aqui ou em Porto Alegre.

Eu penso que está na hora de todos nós darmos uma demonstração de que temos coragem e de que queremos criar, de verdade, um mundo novo. Eu penso que está na hora de os representantes do Fórum de Davos conversarem com os representantes do Fórum de Porto Alegre, que o ano que vem não será mais em Porto Alegre, será na Índia.

Mas, vocês vão perceber que tem muita coisa em comum. Isso é como numa negociação simples, entre um empregador e um sindicalista. Parece que as distâncias são enormes, mas, quando se sentam na mesa para negociar, a gente percebe que tem vários pontos que precisam apenas ser melhor ajustados, para que a gente possa colocar a política para andar.

Eu estou convencido de que é plenamente possível, pelo que eu conheço do Fórum Social Mundial, e pelo que eu conheço do Fórum aqui, por leitura, as pessoas se sentarem em torno de uma mesa. Tem muita coisa em que, para surpresa de vocês, haverá concordância entre os dois fóruns.

Tradução da pergunta: Ele pediu desculpas para falar em português, diretamente ao presidente dele, Lula.

É uma alegria muito grande a gente estar vendo aqui, no Fórum de Davos, a consolidação do diálogo, isso que o senhor está dizendo. Acho que isso é importante para o mundo, e o senhor está representando essa consolidação, nesse momento. Parabéns.



Eu sou um empreendedor, em Brasília, um dos três jovens brasileiros participantes, esse ano, da reunião, como um dos *global leaders for tomorrow*. Eu acho importante o senhor partilhar com todos os presentes, os amigos, aqui, de todo o mundo, um pouco mais sobre esse novo contrato social, esse pacto social brasileiro, que está lá, agora, sob o seu comando.

Obrigado.

Presidente: Antes, eu queria dizer que uma semana antes de eu vir aqui, no Brasil houve tentativa de se criar uma certa confusão entre a minha presença em Porto Alegre e a minha presença aqui.

E eu disse aos companheiros de Porto Alegre as razões pelas quais eu viria aqui. E é engraçado, porque, tinha 70 ou 80 mil pessoas lá, e todos eles me aplaudiram quando eu disse que vinha a Davos defender os interesses das pessoas que acredito representar no meu país e em outras partes do mundo.

E isso é um pouco do contrato social que nós queremos criar, no Brasil. Eu fui eleito Presidente, não por méritos pessoais, não como resultado da minha inteligência, mas muito mais pela elevação do grau de consciência política da sociedade que eu represento e, sobretudo, dos setores mais oprimidos da sociedade.

Mas, se não fosse a capacidade de interlocução que nós criamos com vários setores empresariais, possivelmente não teríamos ganho as eleições. É importante lembrar que o meu vice-presidente é um grande empresário que tem 17 mil funcionários e exporta 60% de tudo o que ele produz no Brasil. E é uma pessoa com quem eu tenho uma afinidade extraordinária, nos tratamos como companheiros, efetivamente companheiros.

E isso possibilitou que, durante o processo de campanha, nós tivéssemos conversas com banqueiros; tivéssemos conversas com empresários, grandes, pequenos e médios; tivéssemos conversas com os grandes proprietários de terra; e colocássemos, numa mesa de negociação,



banqueiros e bancários, fazendeiros e trabalhadores sem-terra, grandes empregadores com desempregados.

Nós fomos construindo uma coisa que nos deu uma base para um Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, com a participação de muita gente, de vários setores da sociedade.

E isso permitiu-nos descobrir o seguinte: nós vamos estabelecer um novo contrato social. O que é isso? É tentar fazer o ajuste que precisa ser feito, nas relações entre a sociedade brasileira. É costurar um pacto social, não pensando cada um na sua corporação, mas pensando que o Brasil precisa de uma chance. O Brasil precisa de que, em algum momento, cada um de nós deixe o egoísmo dentro de uma gaveta e dê uma chance ao Brasil para que ele possa crescer. Porque o Brasil não pode continuar sendo um gigante adormecido. E, se Deus quiser, nós vamos acordá-lo, para que ele seja respeitado como precisa ser, no mundo inteiro.

Tradução da Pergunta: Esse senhor da Espanha pergunta como o Presidente acha que o Brasil fará para pagar as dívidas, se serão necessários novos empréstimos? Enfim, como lidar com a situação de dívidas e de financiamentos internacionais, para se chegar a essa solução, a esse novo contrato social?

Ele pergunta o que fazer, em relação às exportações, como aumentar as exportações e acabar com o protecionismo, também.

Presidente: Olha, a primeira coisa que eu acho importante é o que eu mais fiz, na minha vida, que foi negociar. E eu acredito que os países ricos sejam duros, na defesa da sua política protecionista, mas acredito, também, que nós não devemos ceder a essa dureza dos países ricos. E vamos brigar.

E pode ficar certo que muitos amigos meus, Presidentes de outros países, vão perceber que, a mesma dureza com que eu fiz sindicalismo no Brasil, construí um partido político e cheguei a Presidente, eu vou ter nas



nossas relações internacionais.

Nós não aceitamos a idéia de que o livre comércio só valha para os países em desenvolvimento, pobres. É muito importante que os países ricos acabem, de uma vez, com toda essa política protecionista, para que a gente possa disputar, em igualdade de condições.

Porque, senão, não adianta investirmos em tecnologia, nem na produção de grandes técnicos, porque, na hora em que vamos vender os nossos produtos, as barreiras tarifárias estão impedindo que os nossos produtos cheguem aos mercados consumidores.

E nós vamos fazer isso. Pode ficar certo, nós temos consciência de que com todas as dificuldades que estamos enfrentando agora, no começo, e não são pequenas, em nenhum momento eu deitei desanimado, achando que as coisas são difíceis. Até porque eu nunca tive nenhuma experiência fácil na minha vida. Eu fui comer pão, pela primeira vez, com sete anos de idade.

Eu sou de uma terra onde, se as pessoas não morrem até completar um ano de idade, já é um milagre. E eu não morri, cheguei a Presidente da República. E podem ficar certos que vocês vão ouvir falar muito de um Presidente briguento e que defende os interesses da sua Nação.

Eu quero respeitar o direito de todo o mundo, mas quero que os outros também respeitem o direito do Brasil. Não queremos ser tratados como cidadãos de segunda categoria. Queremos ser tratados em igualdade de condições. Porque respeito é bom, nós damos e gostamos de receber.

Tradução: Infelizmente, o tempo acabou. Eles desejam o máximo de sorte a Lula, sucesso e que ele possa voltar novamente.

Presidente: O fantástico é voltar para o Brasil e os meus companheiros do Fórum Social Mundial perceberem que estou voltando inteiro, ninguém comeu nenhum pedaço de mim.



E, também, é importante eu sair daqui, e mesmo aqueles participantes do Fórum de Davos que não estão aqui, também terem a confiança de que o Lula não comeu nenhum pedaço deles.

E, aí, está colocada a possibilidade de um encontro entre os dois povos.
Muito obrigado.

/mcpro



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento institucional do programa Fome Zero e
instalação do Consea – Conselho Nacional de Segurança Alimentar**

Palácio do Planalto, 30 de janeiro de 2003

Meu querido companheiro, vice-presidente da República, José Alencar
Gomes da Silva,

Senhor senador, presidente do Senado Federal, Ramez Tebet,
Meus companheiros e companheiras ministros de Estado,
Companheiros e companheiras deputados e deputadas,
Prefeitos e prefeitas das cidades brasileiras,
Meu caro Paulo Souto, governador da Bahia,
Meu caro José Reinaldo, governador do estado do Maranhão,
Meu caro Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,
Senhor Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Senhor Marconi Perillo, Governador do estado de Goiás,
Senhor Lúcio Alcântara, governador do estado do Ceará,
Senhora Wilma Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,
Meu caro amigo Ronaldo Lessa, governador do estado de Alagoas,
Eduardo Braga, governador do estado do Amazonas,
Meu caro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,
Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Senhor Joaquim Roriz, governador do Distrito Federal,
Meu caro Zeca do PT, governador do Mato Grosso do Sul,
Senhor Marcelo Miranda, governador do estado de Tocantins,
Senhor Waldez Góes, governador do estado do Amapá,
Senhor Flamarion Portella, governador do estado de Roraima,



Meus companheiros que agora fazem parte do Consea,
Senhoras e senhores,

A instalação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, o Consea, que hoje realizamos, é mais um passo institucional decisivo de meu Governo na luta contra a fome. Um passo importante, fundamental, que vai permitir a implantação do programa Fome Zero em todo o Brasil, com a criação dos Conseas estaduais e municipais. O Consea vem somar-se ao Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, que tive a iniciativa de instituir no primeiro dia do meu Governo.

O programa Fome Zero é complexo. Tão complexo quanto o inimigo que ele se propõe a combater. Ele reúne um conjunto de ações simultâneas que serão desenvolvidas ao longo dos quatro anos de Governo. E é composto por medidas emergenciais e por medidas estruturais, permanentes, aquelas que vão resolver em definitivo o problema.

O Fome Zero envolve praticamente todos os Ministérios, os governos estaduais, as prefeituras municipais, as entidades da sociedade organizada, as empresas e a população. Todos terão um papel a desempenhar nesse histórico desafio. E todos, a seu tempo, serão convocados para ajudar nessa guerra. Hoje estamos dando um grande passo. E sei que, até atingirmos nossa meta, será uma longa caminhada. A fome não será vencida da noite para o dia, nem apenas com algumas medidas isoladas do Governo. A vitória contra a fome vai exigir muito esforço, muita persistência, muita coragem e dedicação de todos nós, durante os próximos quatro anos.

Sei que muitos, antes de mim, tentaram enfrentar de algum modo o problema da fome no Brasil. E se não o solucionaram, foi porque essa causa não teve a prioridade que merece nem contou com a indispensável mobilização da sociedade.



A fome não é um problema só do Brasil. Ela é hoje um flagelo mundial que castiga milhões de seres humanos em todo o planeta. Nós, brasileiros e brasileiras, temos a obrigação de fazer a nossa parte. Mas as nações mais ricas também têm que fazer a parte delas. Foi por isso que fiz questão de levar a Davos a causa do combate à fome, para incluí-la na agenda dos países e dos empresários mais ricos do mundo.

A luta contra a fome é, na verdade, um passo fundamental para a superação da miséria, da pobreza, da falta de oportunidades e da desigualdade social. E é por isso que o Fome Zero é mais, muito mais do que um programa de doação de alimentos. Essas doações emergenciais são necessárias, mas todos sabemos que não acabam com o problema. É preciso não apenas neutralizar os efeitos da fome, mas sobretudo atacar as suas causas.

Vamos criar as condições para que todas as pessoas no nosso país possam comer decentemente três vezes ao dia, todos os dias, sem precisar de doações de ninguém.

E quando digo comer, não estou falando apenas de encher a barriga. Isso, as famílias do semi-árido nordestino já fazem precariamente há séculos, dando aos seus filhos os poucos alimentos que possuem, mas sem o mínimo conteúdo nutricional.

Porque fome é, sim, falta de comida. Mas é também não ter uma alimentação adequada. Fome é não poder consumir todas as proteínas, vitaminas, calorias e sais minerais que o nosso corpo e a nossa mente precisam para se desenvolver; que as nossas crianças precisam para estudar e aprender; que um adulto precisa para se capacitar e trabalhar. É por isso que não adianta apenas distribuir comida. Se não atacarmos as causas da fome, ela sempre irá voltar, como já aconteceu outras vezes em nossa história.

O projeto Fome Zero combina, de um modo novo, o emergencial com o estrutural. É preciso dar o peixe e ensinar a pescar, ao mesmo tempo. Ensinar a pescar é criar empregos nas regiões onde hoje existem fome e pobreza.



Ensinar a pescar significa melhorar as condições de vida da população. Ensinar a pescar é dar ao povo uma educação de qualidade. É saúde digna. É salário e renda. Ensinar a pescar é fazer a reforma agrária. É incentivar a agricultura familiar. É estimular o cooperativismo, o microcrédito e a alfabetização. É preparar as pessoas para uma profissão e um emprego. É criar condições para que elas se sustentem sozinhas. Ensinar a pescar, enfim, é libertar milhões de brasileiros, definitivamente, da humilhação das cestas básicas. É fazer com que todos, absolutamente todos, possam se alimentar adequadamente sem que para isso precisem da ajuda dos outros.

Outro dia, vi na televisão um senhor que catava alimentos no lixo. Ele tinha um pedaço de melancia nas mãos. E quando lhe perguntaram por que estava fazendo aquilo, respondeu: “Porque eu tenho fome”. E em seguida, abriu um sorriso e disse: “Mas eu sei que o Lula, lá em Brasília, está pensando em alguma coisa para que eu não tenha mais que catar comida no lixo.”

Esse, senhoras e senhores, é o tamanho do nosso desafio. E terá de ser também o tamanho do nosso esforço e do nosso trabalho. O Brasil não pode mais continuar convivendo com tanta desigualdade.

O povo brasileiro, mesmo com fome, já deu inúmeras provas de seu talento, de sua criatividade, de sua capacidade e de sua tolerância. Minha própria história pessoal é uma prova disso. Imaginem, então, a Nação que seremos, no dia em que todos os brasileiros puderem fazer três refeições ao dia!

É por isso que insisto: o Fome Zero não deve ser entendido como mais uma campanha temporária e emergencial contra a fome em algumas regiões do país. Ele é isso também, porque, como dizia o saudoso Betinho, “quem tem fome tem pressa”.

Quero convocar a todos os prefeitos e a todos os governadores, muitos dos quais nos honram hoje com a sua presença, para se engajarem nessa luta. Sem a participação decidida dos governos estaduais e das prefeituras, será



impossível montar a rede de coleta e distribuição de alimentos que os brasileiros de todo o país estão querendo doar.

Sem essa solidariedade espontânea da população e sem o engajamento dos governos estaduais, prefeituras e sociedade organizada, nós não vamos ganhar essa guerra.

Faço aqui um apelo a todos os municípios e todas as entidades sociais, aos sindicatos, às comunidades religiosas e às associações dos mais diversos tipos: comecem já, hoje ainda, se possível, a criar os Conselhos de Segurança Alimentar em suas cidades. Tomem a iniciativa!

Nos Conseas municipais devem acontecer a soma do poder público e da sociedade organizada. Eles têm uma missão decisiva no Fome Zero. São os que vão identificar as famílias necessitadas. São os que vão orientar as entidades que atuarão diretamente junto à população. São os que vão armar, em cada município e em cada bairro, os postos de recepção e distribuição de alimentos. São os que vão zelar para que não aconteçam as velhas e tristes cenas de desvios e desperdícios.

Estou seguro de que temos todas as condições necessárias para virar essa página da nossa história. Respira-se no Brasil de hoje um clima de esperança e de orgulho. A sociedade alimentada demonstra sua fome de participar.

É um outro tipo de fome. É fome de dignidade, é fome de saúde, é fome de segurança, é fome de auto-estima. E todos nós, do governo, dos Conseas, das entidades sociais, das prefeituras e dos governos estaduais, somos responsáveis por manter vivo esse sentimento tão bonito e tão raro de solidariedade geral, de vontade de dar certo. Do empenho, da seriedade e da organização dos Conseas, vão depender a credibilidade do programa e a continuidade dessa esperança.

Quero aproveitar este ato para agradecer às empresas, entidades, personalidades e às pessoas de todo o Brasil que ligam e escrevem



oferecendo apoio e perguntando como podem ajudar. Num país do tamanho do Brasil, iniciar qualquer campanha de coleta de alimentos é uma verdadeira operação de guerra. E deve ser feita com muito cuidado e planejamento para que todo esse enorme esforço atinja plenamente os seus objetivos.

Não vamos permitir que o Fome Zero, nesse seu início, venha a ser atropelado por uma avalanche de doações, que precisam ser corretamente organizadas. A partir de agora, todos os senhores e senhoras estão convocados a trabalhar, durante os próximos quatro anos, para acabar de vez com essa vergonha nacional que é a fome.

“Fome e guerra não obedecem a qualquer lei natural – são criações humanas.” Esta frase é de um conterrâneo nosso, pernambucano, médico e geógrafo, que foi o fundador e primeiro Presidente da FAO, teve duas indicações ao Nobel da Paz e morreu de saudades do Brasil, exilado na França, durante o regime autoritário. Estou falando de Josué de Castro, autor do clássico *Geografia da Fome*, que há mais de 50 anos interpelou a consciência da Humanidade com a exposição dessa tragédia.

Minhas senhoras e meus senhores,

Companheiras e companheiros,

Precisamos vencer a fome, a miséria e a exclusão social. Nossa guerra não é para matar ninguém – é para salvar vidas.

Muito obrigado.